

A Lírica Madeirense Contemporânea: Folheando os Cadernos de Poesia que a têm registado (1952-2016)

Contemporary Madeiran Lyric: Browsing through the Poetry Journals that have been collecting it (1952-2016)

*Thierry Proença dos Santos*¹

Resumo

Considera-se neste artigo a poesia madeirense contemporânea, à luz dos coletivos de poesia inédita ou de cadernos de poesia, desde a década de 50 do século passado até à atualidade. Nessa década, surgem os primeiros sinais de rutura na lírica até então cultivada na Madeira com vozes como Herberto Helder, Jorge de Freitas e António Aragão. A par das tendências observáveis em Portugal, o cultivo da poesia na Ilha recrudescer nos anos 70, sobretudo após a Revolução dos Cravos. As décadas de 70-90 são os anos de ouro da poesia na Madeira, a verificar pela quantidade de poetas que surgiram nessa altura, nomeadamente Irene Lucília Andrade, José Sainz-Trueva, Gualdino A. Rodrigues, José António Gonçalves, João Dionísio, João Carlos Abreu, Laurindo Goes, Fátima Pitta Dionísio, Maria Aurora C. Homem, Luís Viveiros, Carlos N. Fino, David Pinto Correia, Teresa Jardim, José Tolentino Mendonça, Ângela Varela, Laura Moniz e Isabel Aguiar. Na Região Autónoma da Madeira, apesar do paradigma generalizado da cultura do espetáculo, das novas tecnologias e da globalização, o século XXI assiste a uma multiplicidade de projetos de expressão poética. O público que se interessa por poesia mantém-se reduzido, mas conta com mais leitores especializados. Trata-se, assim, de uma abordagem que visa sintetizar mais de meio século desta prática na Madeira.

Palavras-chave: Lírica Madeirense; Caderno de Poesia; Antologia; Sistema Cultural; Vida Literária da Madeira.

¹ CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade de Lisboa, e CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira; endereço eletrónico: thierry@uma.pt. Doutorado em Linguística Aplicada, é professor auxiliar da Faculdade de Artes e Humanidades na Universidade da Madeira. Autor de uma monografia, coordenador de três volumes coletivos e coautor de outros seis livros, publicou alguns estudos linguísticos e dezenas de trabalhos sobre aspetos culturais, literários e linguísticos do arquipélago da Madeira em revistas e atas de congresso, nacionais e internacionais.

Abstract

In this paper, we consider contemporary Madeiran poetry based on collections of new poetry or poetry journals from the 1950s to the present. That decade saw the appearance of the first signs of rupture in the lyric of Madeira, with voices such as Herberto Helder, Jorge de Freitas and António Aragão. Following the trends observable in continental Portugal, interest in creation of poetry on the Island grew in the 1970s, particularly after the Carnation Revolution. The 1970s-1990s were the golden years of poetry in Madeira, as is clear from the number of poets that emerged at that time, namely Irene Lucília Andrade, José Sainz-Trueva, Gualdino A. Rodrigues, José António Gonçalves, João Dionísio, João Carlos Abreu, Laurindo Goes, Fátima Pitta Dionísio, Maria Aurora C. Homem, Luís Viveiros, Carlos N. Fino, David Pinto Correia, Teresa Jardim, José Tolentino Mendonça, Ângela Varela, Laura Moniz and Isabel Aguiar. Despite the generalised paradigm of the show culture, the new technologies and globalisation, in the Autonomous Region of Madeira the 20th century is witnessing a multitude of poetic expression projects. The public who is interested in poetry remains scarce, but comprises more specialised readers. This is, therefore, an approach that sums up over half a century of poetry in Madeira.

Keywords: Madeiran Lyric; Poetry Journal; Anthology; Cultural System; Madeiran Literary Life.

1. Sobre a Possibilidade de Vida Literária na Madeira²

A hipótese de trabalho que me proponho desenvolver neste texto parte do pressuposto de que existe uma atividade literária na Madeira com os seus circuitos de comunicação e problemas particulares. Por um lado, a interrogação que este assunto levanta é já em si uma especificidade madeirense. Por outro, os factos falam por si: há autores com profícuas memórias e experiências do Arquipélago; este espaço tem inspirado temas e motivos literários; com a instalação da imprensa em 1821, inicia-se a produção de textos orientado para o consumo local; na segunda metade do século XIX, constituem-se tertúlias, ganha expressão o teatro amador que suscita textos dramáticos versando sobre assuntos locais, lançam-se periódicos literários de vida curta, organizam-se antologias de vozes poéticas madeirenses e, a espaços, a partir de finais do século XIX, surgem quezílias entre literatos, com troca de galhardetes nas páginas dos jornais. Os grandes autores portugueses são as fontes preferenciais e os modelos seguidos. Na primeira metade de novecentos, Guerra Junqueiro é um dos poetas mais apreciados pelos literatos locais, a fazer fé no testemunho de Luís

² No presente ponto deste artigo, retomo e adapto os primeiros parágrafos de dois artigos meus: 2008, «Geografia literária, Madeira, séc. XX: a prosa de ficção», pp. 1579-1587; e 2006-2008, «Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: a Construção de uma Identidade Cultural na Madeira», pp. 559-582.

Marinho³. Na viragem para a década de 50 do século XX, vem a lume uma história literária em três volumes e, a partir daí, tem-se publicado bibliografias de autores da Região. Tradições literárias estrangeiras – brasileiras, inglesas e francesas – insinuam-se nas leituras de autores madeirenses. A par das numerosas edições de autor, não de se criar pequenas editoras, embora de atividade breve e irregular, dado o restrito mercado de bens culturais. Nesse mesmo período, com a massificação do ensino, alarga-se o público de leitores; instituem-se concursos literários e, a partir dos anos 70, proliferam as iniciativas artísticas. Os *media* (imprensa, rádio e TV) acompanham a produção intelectual, fazendo eco da vida cultural. Com o novo regime em 1976, intensifica-se a autonomia político-cultural. Criada em 1988, a Universidade da Madeira virá a incentivar o estudo de livros de autores ligados ao Arquipélago. Em 1989, nasce a Associação de Escritores da Madeira, embora desde então vítima de polémicas internas e com dificuldade de existir. Muitos dos livros publicados na Madeira continuam a ser prefaciados por uma personalidade afeta à vida cultural ilhoa. Na década de 90, multiplicam-se, com regularidade, as edições de colóquios, conferências e revistas animadas por investigadores e escritores, contribuindo assim para a emergência, ainda que de modo tímido, de uma crítica informada à produção literária local. No século XXI, o atual Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, resultado da fusão do Arquivo Regional da Madeira, criado em 1931, e da Biblioteca Pública Regional da Madeira, inaugurada em 1979, já recebe, trata e divulga “arquivos de escritores e investigadores madeirenses”. Inspirados no Plano Nacional de Leitura, as regiões autónomas da Madeira e dos Açores, têm vindo a implementar um Plano Regional de Leitura, cujo impacto sobre os jovens escolarizados está ainda longe de determinado⁴.

Assim se vai constituindo, de facto, mau grado a sonolência cultural que parece definir as periferias, um sistema em que cabem um fundo bibliográfico local, uma tradição literária, um naipe de criadores com público, ainda que reduzido, e até um mercado de colecionadores das coisas impressas de e sobre a Madeira, que apontam para uma crescente identidade histórico-cultural. É, pois, este todo que corresponde ao critério comunicacional definido por Fernando Cristóvão⁵, em prol de uma «consciência coletiva de integração» e de «um património reconhecido como próprio».

³ MARINO, 1986, *Páginas de memória: uma lacuna nas Obras completas de Guerra Junqueiro: como o monólogo dramático O Náufrago aparece na Madeira*.

⁴ COELHO & SANTOS, 2015, «A literatura infantil e juvenil de ambientação madeirense: contributo para um plano regional de leitura», pp. 229-260.

⁵ CRISTÓVÃO, 1983, *Cruzeiro do Sul, a Norte: estudos luso-brasileiros*, pp. 27-28.

Por isso, vale a pena «repensar o regionalismo literário em termos de lugar e de possibilidade de discurso», como escreveu Maria Alzira Seixo⁶. Para a ensaísta, dada a crescente globalização dos modelos de interpretação do meio envolvente, é preciso «dar lugar de relevo à voz da própria terra», num sistema cultural que «é em si mesma uma voz», um *locus* de enunciação. Como observa Onésimo Teotónio de Almeida, a respeito da literatura açoriana e aplicável ao caso madeirense:

«Portugal só terá a beneficiar com o florescimento cultural das ilhas que gravitam à volta do seu centro mas que podem e devem gravitar simultaneamente à volta de si mesmas. Não no isolamento, mas na busca de si próprias e reescrevendo-se para se refletirem coletivamente. O adjetivo do local não deve ser nunca restritivo nem normativo, mas apenas uma marca descritiva, identificadora, se preferirem. Dele é importante evoluir para o alto e para os lados.»⁷

Os literatos do Arquipélago da Madeira têm estado, por um lado, enraizados numa tradição literária portuguesa e, por outro, sobretudo a partir de finais do século XIX, preocupados em transmitir marcas regionais temáticas, fossem elas humanas, ambientais, sociais, políticas, culturais ou linguísticas. Esta preocupação é muito mais evidente na narrativa, pois, no que respeita à poesia, os períodos e movimentos literários que marcaram a literatura portuguesa ao longo dos séculos encontram-se presentes na produção poética insular, na sua maioria sem grandes desfasamentos de modelos, de temáticas ou, mesmo, de inserção de temporalidade, no que toca a gostos e tendências estéticas, mau grado uma generalizada afinidade com o posicionamento conservador e moralista na cultura e nos costumes.

Os primeiros poetas associados ao Arquipélago, e cuja produção literária abrange o século XV, encontram-se representados no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende⁸ e, sobre esse conjunto de vozes, vale sublinhar a seguinte observação:

«Não se podendo, de facto, assumir como escola independente, mas antes um ramo do ciclo continental, para ela reivindicamos a grande virtude de ter colocado a Ilha da Madeira na história da Literatura Nacional.»⁹

Desde o século XVIII, há registo de tentativas de constituição de grémios científicos e literários que não deixaram obra que se visse. No século XIX, fundou-se em 1821 a “Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e das Artes”, cuja existência foi efémera por causa dos acontecimentos políticos de 1823¹⁰. Menos ambicioso, criou-se em 1871,

⁶ SEIXO, 2005, «Açores e Madeira», p. 43.

⁷ ALMEIDA, 2001, «As Ilhas e os Mundos, Literaturas & Literaturas», p. 191.

⁸ O *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516, engloba produção literária poética dos séculos XV e XVI, de 1450 a 1516, organizada por géneros, predominando a poesia em língua portuguesa, embora contenha composições em castelhano.

⁹ STÉPHANE, BORGES & CARITA, 1986, *Antologia Literária – Madeira sécs. XV e XVI*, p. 21.

¹⁰ BRANCO, 1990, «A sociedade funchalense dos amigos das ciências e artes», pp. 311-326.

o “Grémio Literário e Recreativo do Funchal”. Na verdade, a cultura madeirense, no seu sentido elitista, está, desde o século XIX, em grande parte associada às secções literárias dos periódicos, às edições de autor com pequena tiragem destinada ao círculo de amigos e aos florilégios. Muitos deles tiveram como incentivadores um espírito de grupo ou um ideário comum, características que se mantêm, gerando até acesas discussões. Consoante o vigor da imprensa, assim palpitava a escrita literária.

Nos anos 70 do século XIX, homens e mulheres da boa sociedade funchalense, que farão parte do grupo de colaboradores do primeiro diário madeirense fundado em 1876 pelo Cónego Alfredo César de Oliveira, o *Diário de Notícias* do Funchal – cuja longevidade é merecedora de respeito –, assinam os textos das primeiras compilações literárias: *Flores da Madeira*¹¹, sendo o primeiro volume editado em 1871 e o segundo, em 1872, a *Miscelânea Madeirense*¹², em 1877, e o *Álbum Madeirense*¹³, em 1884. Estas coletâneas expressam, de acordo com Maria Mónica Teixeira, os valores do romantismo madeirense que qualifica de «cristão, restaurador, historicista e burguês»¹⁴, em que se destila não raro um lirismo melancólico ou pessimista. Integrando-as no espaço de sociabilidade doméstica, o surgimento dessas antologias revela a promoção de uma madeirensidade¹⁵ de base letrada, como sublinham os seus títulos, que integram o nome da terra ou o respetivo gentílico.

Além das traduções de narrativas de autores estrangeiros então em voga, a imprensa insular oferece sobretudo sonetos, epigramas, gazetilhas, crónicas, contos, romances moralistas e narrativas históricas em folhetim de autores locais. Dadas as condições pouco favoráveis à produção escrita, é quando têm tempo livre que os letrados madeirenses escrevem e, por isso, cultivam sobretudo os géneros facilmente adaptados a breves períodos de labor literário. Muito poucos, a exemplo do publicista e romancista João Augusto de Ornelas, conseguem publicar obras de fôlego.

¹¹ MONTEIRO & OLIVEIRA, 1871-1872, *Flores da Madeira*, “*Poesias de Diversos Autores Madeirenses*”, sendo a primeira série publicada em 1871 e a segunda em 1872.

¹² AZEVEDO, 1877, *Miscelânea Madeirense*. Trata-se de uma encadernação de fragmentos de periódicos reunidos por Álvaro Rodrigues de Azevedo, textos, na sua maioria, publicados na rubrica “folhetim do *Diário de Notícias*” nos anos 1876 e 1877, com escassas prosas breves mas com poemas em abundância. Quer parecer-me que a maioria dos autores pertence ao “Grémio Literário e Recreativo do Funchal”, fundado em 1871, a saber: Joaquim Pestana, Jorge Luís Nóbrega, Marina S. F. Francisco Henrique Ornelas, Luís de Ornelas Pinto Coelho, Joana de Castel-branco, Arsénia de Bettencourt Miranda, D. Mariana Belmira d’Andrade, Eduardo E. de Carvalho, Manoel Alexandre de Sousa, António César Rodrigues, Jorge Magdalena, Faustino Brazão, Teotónio J. Pinheiro da Costa, Francisco Vieira, entre outros. O (único?) exemplar encontra-se em “mau estado” na Biblioteca Nacional de Lisboa (cota: L. 10651 P.).

¹³ VIEIRA, 1884, *Álbum Madeirense*, “*Poesias de Diversos Autores Madeirenses*”.

¹⁴ TEIXEIRA, 2005, *Tendência da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*, p. 55.

¹⁵ Sobre o conceito, v. RODRIGUES, 2015, «Da Madeirensidade: contributo para uma reflexão necessária», pp. 165-190.

A comunicação escrita de natureza literária realizava-se, na Madeira, em círculos restritos, pouco expansivos, quer em livros, quer em periódicos¹⁶, assim como em almanaques locais. A escassa atenção que o público insular dava ao labor criativo e intelectual condenava tais projetos editoriais a uma visibilidade reduzida, por conseguinte a uma longevidade curta ou a uma produtividade muito irregular. Embora sendo um assunto pouco estudado da recente história insular, tudo indica que o potencial cultural das ilhas, até meados do século XX, assentava no labor intelectual de padres, altas patentes militares¹⁷, professores, advogados, jornalistas, estudantes, alguns autodidatas e filhos de família que iam para Portugal continental ou para a Europa cursar a Universidade.

Daí resulta que, no tocante à ideologia social dominante, a sociedade madeirense se afigura tendencialmente puritana, mas transigente, conservadora, mas cosmopolita, liberal, mas conformista, elitista, mas pragmática, como deixam entrever os romances do quilate de *Eternidade* (1933) de Ferreira de Castro, tendo como pano de fundo a Madeira dos anos 30, e *Nudez Uivante* (1983), de José Marmelo e Silva, que reverbera a Ilha nos anos da Segunda Guerra Mundial. A produção literária e cultural local vivia – e continua a viver – do diletantismo, sendo atribuído ao literato reduzido crédito simbólico, diminuto reconhecimento social e fraco poder de influência sobre a opinião pública. No atual meio madeirense, tal como na sociedade portuguesa, quem ocupa a cena social são os intervenientes dos jogos políticos e económicos, assim como os dirigentes do mundo do futebol.

Em suma, serão estes os polos aglutinadores em que se desenvolveram os elementos embrionários de um processo literário descontinuado e até então pouco consistente, como observou Herberto Helder, no ensaio «A Actividade Literária Madeirense», dado a lume, em 1954, em três números consecutivos do *Voz da Madeira*.

2. O Papel dos Cafés e das Redações de Jornais na Vida Social e Cultural Madeirense

À semelhança do que era usual em grandes cidades europeias do século XIX, é nos cafés e nas redações da imprensa periódica da baixa do Funchal que se desenvolve a vida cultural madeirense no século XX. Intelectuais, periodistas, estudiosos, padres, empresários, poetas, pedagogos, artistas e autores têm como ponto de encontro esses

¹⁶ Para mais informação, v. CASTRO, 2017, «Mesa do centenário / ou grupo do centenário e V centenário da descoberta da Madeira».

¹⁷ V., a esse respeito, CORREIA, 1998, *Os Militares e a Literatura Madeirense – Reflexões e Notas*.

lugares perto da baía do Funchal, de onde se pode acompanhar o pulsar da cidade e aceder a notícias do mundo, ainda que com semanas de atraso, ou seja, ao ritmo das escalas de transatlânticos.

Em *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Joana Catarina S. Góis¹⁸, apoiando-se nos testemunhos do Visconde do Porto da Cruz, de Horácio Bento de Gouveia e de César Pestana, recenseou as sete tertúlias mais significativas de que há memória. Essas reuniões, umas de carácter informal e outras empenhadas na realização de projetos de interesse regional, não impedia a circulação dos seus membros entre vários núcleos: 1) o Grupo do Visconde da Ribeira Brava, composto pelo próprio e por Alberto Jardim, Fernando Tolentino da Costa, Francisco de Gouveia Rodrigues, José Varela, Manuel Pestana Júnior, Pedro Goes Pita e Vasco Gonçalves Marques, tanto discorria sobre Literatura, Arte e História, como tratava de interesses políticos. Deve-se a esse grupo a criação da Escola de Artes e Ofícios do Funchal. 2) Outro convívio, sem nome, reunia Antonino Pestana, Armando Pinto Correia, Eduardo Pereira, Ezequiel Velosa, Fernando de Meneses Vaz, Juvenal Henriques de Araújo, Manuel Pestana Reis, Plácido Pereira e Ramon Correia Rodrigues. 3) O grupo dos Cinco Artistas Vagabundos, formado por jovens intelectuais ligados ao Integralismo Lusitano, contava com Álvaro Manso de Sousa, João Cabral do Nascimento, Luís Vieira de Castro, Rodolfo Ferreira, Visconde do Porto da Cruz, e, mais tarde, António da Cunha de Eça e Ernesto Gonçalves. 4) A tertúlia dos Artistas Independentes, tendo o Café Golden Gate como ponto de encontro, ao longo de quinze anos, entre 1918 e 1933, juntava pedagogos que lecionavam na Escola Industrial e Comercial do Funchal (atual Escola Secundária de Francisco Franco). Desse grupo restrito faziam parte os irmãos Henrique e Francisco Franco, Alfredo Miguéis, Emanuel Ribeiro, Ernesto Gonçalves, João Abel Manta, Adolfo de Noronha e João Francisco de Almada. O Museu Municipal do Funchal nasceu da iniciativa dos seus membros. 5) No café Kit-Kat, uma informal coletividade jornalística agrupava Jaime Câmara, Feliciano Soares, Carlos Marinho Lopes, João Marinho de Nóbrega, Teodoro Correia e Henrique Pereira. 6) Outro núcleo de intelectuais, liderados por Frederico da Cunha Freitas e Pedro Goes Pita, fundou a *Revista de Direito*, que existiu entre 1920 e 1921, trazendo a lume um total de quinze números. 7) Finalmente, o Grupo do Centenário ou Mesa do Centenário, mais conhecido por Cenáculo, do qual se pode destacar João dos Reis Gomes, o P.º Fernando Augusto da Silva e Alberto Artur Sarmiento, preparou as bases do programa comemorativo do V Centenário da Descoberta da Madeira (1419-1919) e o executou com sucesso. Do grupo fizeram parte Adolfo de Figueiredo,

¹⁸ GÓIS, 2015, *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, pp. 14-19.

António Rodrigues dos Santos, Rui de Bettencourt da Câmara, Emanuel Ribeiro, Azevedo Ramos, Alfredo César de Oliveira, Adolfo de Noronha, João Francisco de Almada, Alfredo Miguéis, Elmano Vieira, Francisco Franco, Henrique Franco, Luís Pinheiro, Baptista dos Santos, Fernando Câmara, Francisco Bento de Gouveia, Soares de Andrade, Dário Flores ou Jaime Câmara. «Nos últimos anos do Cenáculo, a tertúlia, ainda presidida por João dos Reis Gomes, realizava-se, todas as tardes, no café Apolo»¹⁹, em frente da Sé do Funchal.

Muitos dos intelectuais acima referidos, que se destacaram em áreas como História, Literatura, Jornalismo, Política, Artes Plásticas, Música, Ciências Naturais, Ensino e Solidariedade Social, empenhados em trabalhar pelo desenvolvimento e pela ilustração do Arquipélago, participaram na revista *Das Artes e da História da Madeira* (1950-1971). Embora a Ilha contasse com algumas escritoras, as literatas madeirenses, habitualmente confinadas ao recato dos salões e jardins e raramente solicitadas a desempenhar um papel de relevo nas manifestações culturais, estão arredadas desses debates.

Na primeira metade do século XX, no que à poesia diz respeito, as personalidades madeirenses mais interessantes andavam pelo continente e costumavam reunir-se, em 1915, na Brasileira, com o grupo de *Orpheu*, nomeadamente Albino de Meneses, João Gouveia, Edmundo Bettencourt e Octávio de Marialva²⁰. Alguns farão grande parte da sua vida no continente, a exemplo do simbolista João Gouveia, cuja paixão pela aeronáutica o afastou da Literatura, do futuro ex-presencista Edmundo Bettencourt e do saudosista-modernista Cabral do Nascimento. Outros, como o modernista Albino de Meneses, o esotérico Octávio de Marialva e o presencista João de Brito Câmara, regressarão à Madeira. Os adjetivos que os qualificam funcionam aqui como rótulos de marca temporal ou de afinidade estético-ideológica, já que todos eles acabaram por se afastar de correntes ou movimentos, cultivando uma poesia pessoal, de rigor clássico, preservando a sua individualidade. Nesse período, os livros de poesia que se publicavam, na Madeira, eram, maioritariamente, de expressão sentimental, de cunho humorista, de sentido religioso ou evocadores dos primórdios da sua História, com acento épico.

No decénio de 50, no Funchal, constituiu-se a “tertúlia ritziana”, assim chamada porque se reunia no café-concerto Ritz. A esse convívio tomavam parte os poetas Florival dos Passos, Carlos Cristóvão, Rebelo de Quental, Rogério Correia, Silvestre Pereira, assim como Herberto Helder, Jorge de Freitas e António Aragão. Alguns deles tiveram, nessa década, papel relevante nas atividades culturais promovidas pelo Ateneu Comercial do Funchal, então o principal polo de debate cultural na Madeira (onde se organizavam

¹⁹ CASTRO, 2017, «Mesa do centenário / ou grupo do centenário e V centenário da descoberta da Madeira».

²⁰ MARTINS, 2017 [1.ª ed. 2008], «MENEZES, Albino Espiridião de (18/12/1889, Santana – 1949, Funchal)».

jogos florais e conferências). Da “tertúlia ritziana” nasceu, em 1952, o volume coletivo *Arquipélago*, em cujo texto de abertura se lê: «A MADEIRA FOI BERÇO DE TODOS NÓS; A POESIA, NUTRIX DE NÓS TODOS (...)». Cerca de dois meses depois, surge *Areópago*, uma paródia *pastiche* de *Arquipélago*, preparada anonimamente por Jorge de Freitas, em colaboração com Alírio Sequeira, Carlos Camacho e Paulo Sá Braz²¹. Tendo em conta o regime político que então vigorava, este projeto editorial humorístico e corrosivo aponta para uma atitude que subverte as convenções e os discursos institucionalizados. Em 1954, vem a público *Poemas Bestiais*, outra *plaque* com textos de Carlos Camacho, Herberto Helder e Jorge de Freitas. Atendendo ao suporte material e aspeto formal inusitado e ao conteúdo assumidamente cabotino, Mónica Teixeira sublinha o caráter antiacadémico e a intencionalidade de «uma escrita de intervenção literária»²², contra o apático panorama cultural da Madeira daquela altura. Poucos anos depois, Herberto Helder deixava a Ilha, não querendo mais envolver-se no processo do fazer cultural madeirense. Note-se que se tinha, então, tornado prática recorrente, em todo o país, autores se agruparem para lançar em conjunto a sua ocasional criação poética, superando assim os custos de publicação. Tal estratégia perdurou na Madeira até ao novo milénio.

Em 1957, a diretora do *Eco do Funchal*, Maria Mendonça, dinamiza uma confraternização de jornalistas batizada “Tertúlia Sem Título” que se reunirá com alguma regularidade até aos meados dos anos 80. Nesses encontros que tinham lugar num restaurante, fala-se da condição profissional, dos problemas de sociedade, da vida das letras, dos projetos editoriais que uns e outros acalentam.

Na passagem dos anos 60 para a década seguinte, Portugal e as então chamadas “ilhas adjacentes” não ficam completamente imunes aos ventos de mudança que sopram por esse mundo fora: uma mais elevada escolarização da população, o processo das guerras de independência, a expansão das ideias inspiradas na *beat generation*, a influência da cultura marcada pelos *mass media*, o progressivo reconhecimento das minorias e o desenvolvimento da industrialização do turismo desencadeiam inevitavelmente transformações sociais e culturais na Madeira. As novas mentalidades e os discursos alternativos não deixarão de fascinar jovens madeirenses; alguns deles hão de publicar os seus primeiros versos nos suplementos de jornais.

Em 1972, Maria Mendonça assume a gerência do café literário “Rês-do-chão: Tertúlia do Livro – Pátio das Artes”, estabelecido cerca de 1967-68 pelo professor Carlos Lélis, o escultor Anjos Teixeira e o fotógrafo João Pestana, que passa a denominar-se

²¹ MENDONÇA, 1980, «Evocação».

²² TEIXEIRA, 2005, *Tendência da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*, pp. 397-402.

“Sociedade Pátio, Livros & Artes”. Continua a organizar exposições de pintura, tertúlias e conferências, com personalidades locais e de fora da Madeira²³.

Na década de 80, a Zona Velha da cidade é, além de turística, sinónimo de boémia para jornalistas e gente ligada às Artes e Letras. João Carlos Abreu, Maria Aurora C. Homem e José António Gonçalves, figuras de proa da vida cultural madeirense, tornam-se personalidades icónicas do lugar.

Na viragem para os anos 90, as exposições de Artes Plásticas aproximam ainda mais artistas e poetas e as entidades oficiais, como a Câmara Municipal do Funchal e a Secretaria Regional do Turismo e Cultura, graças à mediação que uma das três personalidades referidas podia exercer, caucionam edições individuais de poesia. A dependência do sistema cultural madeirense em relação ao poder político reflete-se na promoção de intelectuais e criadores, favorecendo não só oportunidades de publicação, mas implicando também tensões que lançaram algum descrédito sobre o meio literário da Região Autónoma da Madeira. No dobrar do século e nos anos seguintes, alguns poetas da Madeira apresentam em seus respetivos percursos uma produção lírica consistente que, evoluindo, se reconfigura em cada momento, enquanto outros nomes emergem pela primeira vez e se fazem ao caminho da aventura poética.

3. Um Jogo de Ligações entre as Margens: Os Cadernos de Poesia

Os cadernos de poesia têm uma dimensão pragmática que permite a uma literatura existir para os públicos que por ela têm curiosidade. Partindo de um interesse individual para a construção de uma vontade comum, assente na convicção de enveredar pela ação e intervenção cultural, tais obras coletivas relacionam, ainda, a criação literária com uma comunidade cultural, sugerindo então uma certa leitura dos textos que pode influenciar a cenografia das obras por vir, promovendo o diálogo entre os três agentes da comunicação na cultura: o criador, o investigador e o público fruidor, cujos papéis podem ser trocados entre si.

Em 1956, rompendo com o geografismo insular, António Aragão dá à estampa, no Porto, o caderno literário *Búzio*. Nesse caderno, a par dos continentais David Mourão-Ferreira, José Escada e Esther de Lemos, os madeirenses Edmundo de Bettencourt, Eurico de Sousa, Herberto Helder e António Aragão ensaiam uma escrita que tira a sua matéria do meio insular, os três primeiros levados por uma tendência surrealista, o último enveredando já pelo experimentalismo poético. Este caderno resulta de «um enfeixar de

²³ SANTOS, 2018, «Maria Mendonça».

diferentes vozes», entre o continente e a Ilha, visando um «novo entendimento com o mundo em função de uma visão da arte como «valor universal»»²⁴.

Se, no Portugal dos anos 60, boa parte da poesia se apresentava «com o fardo do compromisso sócio-político herdado da orientação neo-realista», de que o melhor exemplo, na Madeira, era João Brito de Câmara, outra anunciava-se «com a ânsia da renovação estética, incentivada pela movimentação surrealista, por meio de experimentalismos formais, ou pela afirmação do sujeito na experiência narrativa a dar conta do cotidiano e do mundo», como sublinha Ida Alves²⁵.

Em 1964, António Aragão e Herberto Helder organizam, em Lisboa, o primeiro número dos cadernos de *Poesia Experimental*, que chegaria a um segundo número, em 1966, sob a mesma coordenação alargada a Melo e Castro. Em 1985, virá a lume *Poemografias* em Lisboa, uma antologia de poesia visual, com autores ligados à Madeira. Influenciados por esses horizontes literários e performativos, o artista António Dantas e o poeta João Dionísio irão beber nesses exemplos para levarem a cabo os seus projetos criativos. António Aragão tornar-se-á uma das maiores referências da literatura experimental portuguesa, sem deixar de fazer a sua vida na Madeira.

Seguindo a esteira de *Búzio*, António José Vieira de Freitas lança, em 1973, *Movimento, cadernos de poesia & crítica*. O número único de *Movimento* reúne textos de António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Pedro Tamen, José Bento, A. J. Vieira de Freitas, José António Gonçalves, José Agostinho Baptista e Gualdino Avelino Rodrigues. De acordo com a tendência do “regresso ao real” característica da época, os poemas apresentados por Rosa, Eugénio e Tamen tendem a evitar o efeito de hermetismo, incorporando a linguagem do quotidiano configurada numa formulação narrativizante ou de verso mais longo. Quanto aos jovens poetas da Madeira, estes não se conformam com a opressão da distância e do mar, do atraso insular e das promessas por cumprir de uma modernidade que tarda em chegar e, através da palavra poética, abolem a condição insular e o até então desfasamento com o mundo²⁶.

Os projetos acima referidos resultam de uma dinâmica grupal, mas que surgem num período marcado, quer pela renovação e revalorização das textualidades poéticas, em geral, quer pela afirmação identitária e cultural, em particular.

Vozes da Madeira não deixam de tomar assim parte no «debate intensificado sobre lirismo, subjetividade e experiência» que a poesia portuguesa dos anos 70

²⁴ MONIZ, 2011, «*Búzio* de António Aragão: um enfeixar de diferentes vozes», pp. 30-40.

²⁵ ALVES, 2003, «Diálogos e silêncios na poesia portuguesa: décadas de 60 a 90», p. 84.

²⁶ COELHO, no prelo, «O Contributo Cultural e Literário de A. J. Vieira de Freitas (1940-1982)».

lançou²⁷, quando «postula[va] simultaneamente o enigma do mundo e da existência no seu emprego da metáfora e a solução deste pelo esforço criativo do leitor»²⁸. Têm a particularidade de trazerem consigo a experiência insular, a valorização do dizer assertivo e libertador e a esperança na força transformadora de uma recém-instalada autonomia política, promessa de um muito ansiado desenvolvimento económico e sociocultural.

Essas iniciativas editoriais decorrem do contexto favorável que as folhas literárias de jornais, quer a nível regional, quer a nível nacional, instituíram, ao darem espaço a jovens fascinados pela linguagem poética²⁹. Na década de 60, novas vozes, como A. J. Vieira de Freitas, José Sainz-Trueva e José Agostinho Baptista, ensaiavam-se, por exemplo, no suplemento literário “Pedra”, cuja primeira série saiu a 25 de março de 1965 no *Eco do Funchal*, e a segunda, no *Comércio do Funchal*, na sua fase dita cor-de-rosa (1967-1973)³⁰, então dirigida por Jorge Vicente Silva, com Luís Angélica como responsável pela página de poesia. Nos anos 70, nasce a página juvenil “2000 (poesia)” do *Jornal da Madeira*, dinamizada por José António Gonçalves, na altura com dezanove anos: os colaboradores desse suplemento irão constituir o embrião do coletivo *Ilha*. Além de colaborarem com as folhas literárias da imprensa local e nacional, alguns desses poetas madeirenses vão estar representados em antologias no continente como *Poesia 71*, lançado no Porto e com seleção de F. H. Pais Brandão e Egito Gonçalves, nos anos 80, no *Anuário de Poesia – Autores não publicados*, em Lisboa, com seleção de, entre outros, José Agostinho Baptista, e, nos anos 90, também na capital, *Aqueles que Têm Os Ossos Frágeis*, organizada por Manuel Maria Barreiros e José Tolentino Mendonça. Mau grado tratar-se de textos de juventude, estas páginas literárias terão o condão de oferecer uma montra para jovens talentos exporem os seus poemas e se afirmarem no género.

No pós-25 de Abril, em 1975, no Funchal, vem para a linha da frente o grupo do projeto *Ilha*, com nomeadamente José António Gonçalves e José Laurindo Goes. É a jornalista Maria Aurora C. Homem, recentemente chegada à Madeira, quem apresenta a coletânea de jovens poetas no “Pátio das Artes”, dirigido por Maria Mendonça. A série

²⁷ ALVES, 2014, «“Escrevia à mão a cidade”: paisagens urbanas na poesia portuguesa», p. 25.

²⁸ BORDINI, 2012, «A Metáfora Pós-Moderna na Poesia Portuguesa Contemporânea», p. 13.

²⁹ Sobre a importância da secção “juvenil” dos periódicos nos anos 60 e 70 do século passado, adianta José Manuel Sainz-Trueva, a quem agradeço o seguinte testemunho: «encontrei muitos suplementos do Juvenil, do *Diário de Lisboa*, dirigido pelo Mário Castrim, com textos do José Agostinho Baptista, do João Dionísio e meus, datados de 1969-70. Antes da “Pedra”, também o *Comércio do Funchal* teve o seu Juvenil (1968) e o *Madeira Popular* (1965) teve uma página literária, “Elo”, dirigida pelo Gualdino Avelino Rodrigues, onde, julgo, terá a Ana Margarida Falcão publicado o seu primeiro poema. Poemas e textos de juventude, mas foi aí que o caminho começou.» (e-mail enviado a 14 de julho de 2018).

³⁰ O primeiro número de *O Comércio do Funchal* impresso em papel cor-de-rosa data de 1 de janeiro de 1967.

Ilha, que se estenderá ao longo de trinta e três anos com cinco números: 1975, 1979³¹, 1991, 1994 e 2008, gerou uma autorreflexão sobre o vazio regional de propostas poéticas e influiu a situação, atraindo novos perfis. Outros nomes, como Irene Lucília de Andrade, José Sainz-Trueva, José Viale Moutinho, Carlos Nogueira Fino e Luís Viveiros, reforçarão a iniciativa com as suas colaborações nos números seguintes. A partir de 1981, Ernesto Rodrigues acompanha esse ciclo editorial, o que lhe permitirá pronunciar-se sobre ele, criticamente, em *Ilha 4*, de 1994, num prefácio tão esclarecedor quanto seminal, e em *Ilha 5*, de 2008, em prefácio atualizador.

Em 1977, A. J. Vieira de Freitas junta poemas de jovens madeirenses em *Da Ilha que Somos*. Nessa obra coletiva, em que reencontramos da *Ilha* e *Ilha 2*, Laurindo Goes, António Duarte Figueirôa e Carlos Alberto Fernandes, aparecendo pela primeira vez Fátima Pitta Dionísio, os poemas revelam o complexo mundo do homem insular através de uma escrita atualizada: dessacralização da palavra poética, transfiguração do quotidiano, enfoque na cultura urbana, intertextualidade, exploração da linguagem e exercício de meta-poética constituem a matéria dos seus versos. A coletânea dá, assim, conta de várias inflexões, corporizadas em poéticas que ora dialogam com a tradição de uma modernidade já consolidada, ora com as modernidades subseqüentes, multifacetadas e explorativas³².

Graças a esse quadro auspicioso, falou-se de Poesia e, por espírito de emulação, multiplicaram-se as vozes poéticas na *Ilha*, sendo que algumas se tornariam artesãs de persistentes projetos literários originais que têm vindo a deleitar algumas gerações de leitores. Por isso, não admira que, em *Dez Anos de Poesia em Portugal 1974-1984*, Manuel Frias Martins destaque a ação cultural conduzida na Madeira por A. J. Vieira de Freitas e por José António Gonçalves³³. Ambos tinham contactos no continente e no estrangeiro com revistas, ensaístas e criadores: gozando de boa reputação, mediavam, mobilizavam e concretizavam.

Note-se que nenhuma destas iniciativas editoriais desenvolvidas na *Ilha* – e sublinho “na *Ilha*”, já que o experimentalismo literário dessa altura, em que se destacou António Aragão, é um movimento estético transnacional cujos centros nevrálgicos se situavam longe da mesma – se apresentou como manifesto literário, programa estético, desejo velado de inseminar um determinado ideário político-cultural para fazer escola na Região: tratava-se tão-somente de celebrar o culto da língua portuguesa, de incentivar à

³¹ Note-se que este número vem com prefácio de Natália Correia. V. também GOUVEIA, 1980, «Poesia Madeirense – estreia de *Ilha*».

³² COELHO, no prelo, «O Contributo Cultural e Literário de A. J. Vieira de Freitas (1940-1982)».

³³ MARTINS, 1986, *Dez Anos de Poesia em Portugal 1974-1984 – Leitura de uma Década*, pp. 147-148.

prática poética em manifestação coletiva, na diversidade de conceitos e vozes, ainda que marginalizadas pelo sistema literário institucionalizado. Não havia outro objetivo para aquelas publicações a não ser o de juntar escritas poéticas, literárias e críticas, aproximar talentos com afinidades, lançar pontes com outros lugares do mundo, promover o debate cultural, suscitar sensibilidades artísticas e conquistar novos leitores.

Na verdade, além de encarar a Poesia como um ato libertador, sopro criativo, exploração dos impossíveis e subversão dos discursos dominantes, de todas as atitudes patententes nessas coletâneas, a mais relevante é aquela que parece estar no ADN desses criadores madeirenses inconformados, a busca pelo diálogo entre estilos, artes e culturas, bem como a recusa da condenação de si mesmo e do ensimesmamento. Daí o interesse em participar em coletivos, na medida em que a comunidade criativa, aproximando tanto poetas reconhecidos como por confirmar, se reencontra para confrontar as suas propostas e testemunhar o seu sentimento de pertença ao lugar.

A maioria evita as formas da tradição, pratica a desconstrução de modelos, ensaia discursos híbridos, experimenta formas depuradas de outras culturas literárias. Poucos confiam no passado literário madeirense; preferem desenvolver uma poesia pessoal, pouco ou nada referenciável às propostas das gerações anteriores da Madeira – embora não deixem de reverenciar Herberto Helder, José Agostinho Baptista e José Tolentino Mendonça –, preservam a individualidade, optam por influências externas e longínquas. Aliás, muitos dos nomes que surgiram nos anos 70 passaram a residir no Continente. Vivem entre o Continente (espaço efetivo) e a Ilha (espaço afetivo) e revelam, por vezes, uma relação crítica com a Região Autónoma da Madeira.

4. A Atual Produção Poética na Madeira e o Projeto *Cadernos de Santiago*: Renovação na Continuidade

Além de A. J. Vieira de Freitas e de José António Gonçalves, essa “época áurea” da poesia na história literária madeirense teve como figuras de referência duas personalidades ligadas à dinamização cultural e à escrita poética: a jornalista e escritora Maria Aurora C. Homem e o governante João Carlos Abreu, que dirigia então a Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Na sua qualidade de assessora do Departamento da Cultura da Câmara Municipal do Funchal, Maria Aurora organizou “ciclos de poesia madeirense”, realizou diversos colóquios no Funchal com criadores e ensaístas, ligados ao Atlântico e à Macaronésia, e promoveu a publicação de livros de poesia. Ao João Carlos Abreu deve-se, em parte, a bienal de Poesia que teve cinco edições entre 1998 e 2006, intitulada *Poesia no Porto Santo*. Desses encontros internacionais de poetas na Ilha de Porto Santo

resultaram cinco antologias multilingues, as últimas três com edição literária de Casimiro de Brito. Em 2017, João Carlos Abreu organizou o primeiro “Encontro Internacional de Poesia” que reuniu, na cidade de Ponta Delgada, poetas de Itália, Espanha, Portugal, Cabo Verde, Açores, Canárias e Madeira para debater a condição do ilhéu. Em 2018, o segundo Encontro teve lugar no Porto Santo.

As antologias como «expediente coletivo de legitimação e chamada de atenção para a existência de uma comunidade literária activa e criadora como é a madeirense»³⁴ instituem quadros de referência que ajuda a traçar a geografia literária da Madeira. A título de exemplo, refiram-se: *A Musa Insular: Poetas da Madeira* (1959), de Luís Marino, os coletivos *Poet’Arte 90* (1990), *Olhares Atlânticos – Poesia da Ilha* (1991) e *Vers’Arte 91* (1991), coordenados por José António Gonçalves, *Poeti contemporanei dell’isola di Madera* (2001), composta e bilinguizada por Giampaolo Tonini, *Saudades da Ilha: Evocações poéticas da Ilha da Madeira* (2003), dirigida por José Viale Moutinho, assim como a coletânea *Pontos Luminosos – Açores e Madeira* (2006), com seleção de textos de Urbano Bettencourt e de Maria Aurora Homem, e organizada por Diana Pimentel. Nestes filtros revelam-se a mobilidade das linhas de demarcação, movimentos e estratégias, o *locus* da enunciação e a perspetiva do olhar, a sua plurivocidade e especificidade³⁵. Mais do que enaltecer as particularidades da Ilha, os sujeitos poéticos problematizam – e bem – a condição insular. No entanto, tais antologias não deixam de constituir um sintoma da “crise de desenvolvimento” do meio literário madeirense que continua a encontrar dificuldades para se consolidar. Tal acontece, talvez porque, como observa Ana Salgueiro, a imagem da Ilha e a sua identidade cultural estão plasmadas num “lugar-fronteira”, definido pela “instabilidade”, pela “flutuação” e pelo “caráter híbrido”³⁶, que fazem dele um *corpus* incessantemente ambivalente e esquivo.

Vale a pena mencionar a série de números da revista *Margem 2* dedicados a personalidades literárias da Madeira e publicados na primeira década do novo milénio, retomando, com mais ambição, o exemplo do periódico temático referente a Herberto Helder³⁷, saído em maio de 1996: Ernesto Leal³⁸, José António Gonçalves³⁹, José Agostinho Baptista⁴⁰, Irene Lucília Andrade e António Aragão, sendo estes últimos quatro (não só...

³⁴ FOURNIER, 2014, «La poesia en Madeira».

³⁵ SANTOS & FOURNIER, 2012-2013, «Antologias, traduções e redefinição dos mapas da cultura – o caso madeirense», pp. 102-111.

³⁶ SALGUEIRO, 2011, «Os imaginários culturais na construção identitária madeirense (implicações cultura/economia/relações de poder)», pp. 184-196.

³⁷ AA.VV. (coord.), 1996, «Herberto Helder», *Margem 2*, n.º 3.

³⁸ FOURNIER (coord.), 2007, «Leais a Leal», *Margem 2*, n.º 22.

³⁹ FOURNIER (coord.), 2008, «Um dia com José António Gonçalves», *Margem 2*, n.º 24.

⁴⁰ FOURNIER (coord.), 2009, «José Agostinho Baptista, de A a Z», *Margem 2*, n.º 27.

mas também) poetas. Os três primeiros foram organizados por António Fournier, o quarto por Leonor M. Coelho⁴¹ e o último por Nelson Veríssimo⁴².

Também na Madeira se assiste nestes últimos anos ao aparecimento de uma webliteratura que, dado o seu carácter fragmentário e volátil, além de questionar a condição de leitura, de escrita e de interação entre autor e leitor, pode deixar esse mesmo leitor perplexo num labirinto de textos destituído de fio condutor e/ou de contextualização. Contudo, esses novos meios de comunicação têm a vantagem de permitir um contacto direto com uma comunidade de leitores e promovem novos formatos de escrita. Em blogue ou em rede social, perfis como o do Vítor Sousa⁴³ e o da Lília Mata⁴⁴ partilham, a par de um conjunto heteróclito de linguagens e discursos, textos poéticos, em formas muitas vezes breves, com impacto e significado profundo, testando assim novos processos comunicativos em literatura. Outros perfis haverá que desconheço, porque sigo poucas páginas de redes sociais.

Aproveitando a possibilidade que a internet oferece e contrariando a dispersão de textos poéticos de fatura desigual, é criada, em junho de 2015, a página *A.Poética, periódico de poesia*⁴⁵. A iniciativa é de Maria Fernandes e foi abraçada por José de Sainz-Trueva, João Dionísio, José Agostinho Baptista e Rui Camacho, que compõem a Comissão de Leitura da revista. O periódico visa promover a Poesia com critério e ligar o mundo da Lusofonia a partir da Madeira. Sempre que possível, a linguagem fotográfica é aproximada à linguagem poética.

No mesmo ano, em setembro, chegou ao público o projeto poético-musical “Vértice. Em Legítima Defesa da Poesia Insular”, por iniciativa do músico António José Cardoso que, em colaboração com outros instrumentistas como o Rui Camacho e o ator António Plácido, compõe fundos musicais, alguns com sonoridades da tradição madeirense, para cantar e dizer poemas de grandes nomes da poesia com ligação ao Arquipélago.

Ainda em 2017, foi criada no Funchal pela dupla de investigadores, Duarte Santo e Ana Salgueiro, a revista em linha *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*⁴⁶, para versar transversalmente sobre diversos temas, tais como natureza, território, urbanismo, turismo, criatividade e mobilidade. Há lugar nas suas abordagens para artistas e poetas da Madeira.

⁴¹ COELHO (coord.), 2009, «Irene Lucília Andrade: uma voz na margem», *Margem 2*, n.º 26.

⁴² VERÍSSIMO (coord.), 2011, «António Aragão», *Margem 2*, n.º 28.

⁴³ V. <https://www.facebook.com/vitor.sousa.146>.

⁴⁴ V. <https://www.facebook.com/lilia.mata.902>.

⁴⁵ V. <https://periodicoapoetica.wordpress.com/>.

⁴⁶ V. <http://translocal.cm-funchal.pt/>.

Decorrente de práticas de declamação e de escrita em ambiente de laboratório criativo, recusando a ideia de que a poesia, em particular, e a literatura, em geral, são arte elitista, mas sim performance na expressão de emoções e pensamentos, o grupo, moderado por Jorge Ribeiro de Castro, no Espaço 116, publicou duas antologias *Bem, a Poesia... I*, em 2017, e *Bem, a Poesia... II*, em 2018, que reúne trabalhos inéditos de vozes locais. Também é certo que algumas das coletâneas lançadas com a chancela da Chiado Editora, nestes últimos anos, sob o título de *Entre o Sono e o Sonho – Antologia de Poesia Contemporânea*, integram textos de autores originários da Madeira.

Com ou sem filtro, ora em modo pioneiro, ora em abordagem convencional, os projetos editoriais e artísticos em torno da poesia têm vindo a multiplicar-se na Madeira, tal como os seus promotores. Assiste-se a uma pluralidade de falas de poetas. Uns, encontrando-se na capital da Região, outros, vivendo fora dela; uns, mais próximos do meio universitário, outros, associados a núcleos de convívio entre aficionados e autores; uns, ligados a determinado grupo, outros, preferindo seguir o seu caminho solitariamente. Embora a poesia seja um mau negócio sob o ponto de vista da rentabilidade do setor editorial e livreiro, não deixa de conferir prestígio a quem publica. Verifica-se, por isso, uma crescente culturalização da poesia na Região. Todavia, «[n]o que a literatura tem de instituição, a lírica produzida na Madeira, vista globalmente, não se vê recenseada, apoiada», como observou Ernesto Rodrigues em 2014⁴⁷.

É nesse contexto que saiu, em 2016, o primeiro volume *Cadernos de Santiago*, uma coletânea de poesia de intervenção cultural, estando, em abril de 2019, a ser ultimado o segundo número. Tal projeto assume a herança deixada pelo caderno *Movimento* e pela série de coletivos *Ilha*. No entanto, os organizadores, nomeadamente José Sainz-Trueva, Irene Lucília Andrade, Ana Margarida Falcão, Leonor M. Coelho e Thierry P. dos Santos, entenderam redefinir a ideia inicial, com vista a criar um novo ciclo editorial, colocando lado a lado textos de poetas credenciados, inéditos de autores desaparecidos e novíssimas vozes ligadas à Madeira. Outra particularidade: articular sequência poemática e leitura crítica, cabendo ao poeta, sempre que possível, convidar o ensaísta para a elaboração da nota de leitura.

Proporcionar um espaço de encontro para as vozes poéticas com eco na Região é uma das razões de ser desse caderno. Vários são os discursos que, em diálogo, se fazem ouvir nele: o poético, o ensaístico e o de apresentação. Todas essas vozes, em unísono, celebram a Poesia: as do lado de cá – do Arquipélago – e as do lado de lá do mar,

⁴⁷ RODRIGUES, 2014, «Olhares sobre a Literatura Madeirense Contemporânea», p. 422.

irmanadas pelo fascínio do fazer poético e por uma simples ligação afetiva à Madeira. Visar desassossegar leitores e levá-los a interessar-se pela Poesia será uma outra razão. Com eles, continuar-se-á a perguntar, em jeito de desafio: o que é um poema? De que vale a poesia? Para que servem hoje-em-dia os poetas? A que tipo de leitor se dirige a poesia atual?

Essa iniciativa editorial incorpora, deste modo, a vertente pedagógica como uma das vias de acesso à poesia, associando a fruição estética e pessoal a uma leitura analítica e crítica. É certo que toda a obra literária aspira a impor-se ao público sem mediações nem recomendações. Todavia, a poesia, mesmo a mais despojada e aparentemente direta, é sempre desafiante e enigmática. Embora a valia do poema resida na sua capacidade em projetar o leitor no palco das emoções, no labirinto dos sentidos e na narrativa em abismo das imagens, o dispositivo que essa iniciativa oferece consiste na encenação de diálogos acerca da poesia, entre dicções e recursos, noções e percursos, visando despertar «uma nova geração de leitores, mais informados e apetrechados para uma recepção crítica da poesia feita na Madeira»⁴⁸.

Em linha com as tendências da poesia contemporânea, distinguindo-se pelo seu ecletismo, o projeto *Cadernos de Santiago* exhibe poemas que se caracterizam por uma grande diversidade de traços formais: verso livre, versículo, aforismo, prosa, fragmentos, diário, apontamento, reminiscência, narrativa, haikai... Isso não quer dizer que o verso tradicional seja liminarmente abandonado. Alguns revisitam a tradição para desconstruir ou reformular o exercício da poesia de forma fixa. Encerra também os mais variados temas: o diálogo ilha-mundo, paisagens e períodos históricos interiorizados, um «existencialismo telúrico»⁴⁹, o imaginário madeirense, homenagens, memórias da infância, a relação com a morte, um erotismo de pulsão fusional, episódios e geografias sentimentais, o exercício contra o silêncio e o ostracismo, a crítica aos desmandos da coisa pública, a pressão antrópica na paisagem insular, a transposição de locais para lugares mitificados, artes e letras em sobreimpressão, a viagem sonhada, o teatro do tempo, a micrologia do quotidiano insular e a autoironia sobre o papel atual da literatura. São facetas díspares de um caleidoscópio revelador da constituição humana e poética daquele que vivenciou, (d)escreve e projetará uma experiência insular portuguesa, porventura reconfigurada na imagiologia da madeirensidade.

Quanto às mais recentes vozes poéticas na Madeira, os *Cadernos de Santiago* revelam nomes que vale a pena reter: Rui Guilherme Gabriel, Dinarte Vasconcelos, Carlos Nó, Maria Fernandes e Filipe Camacho. Uns reciclam a tradição, numa reinvenção

⁴⁸ FOURNIER, 2014, «La poesia en Madeira».

⁴⁹ TONINI, 2001, *Poeti contemporanei dell'Isola di Madera*, p. 26.

criativa; outros enveredam por uma expressão configurando uma arte bruta. Todos exibem um nervo crítico, quando não um sarcasmo corrosivo, relativamente às criações textuais que buscam aproximar o leitor do autor ou que confortam o leitor, sem nunca o colocar em dúvida, sem nunca lhe fazer sentir a estranheza dos tempos hodiernos.

Tendo em conta as condições de produção/divulgação/receção da lírica madeirense apresentadas ao longo do presente texto, o projeto *Cadernos de Santiago* propõe-se abrir caminhos para repensar os instrumentos conceptuais e pressupostos de análise da criação poética em foco, visto que as noções como “cânone”, “legitimidade”, “movimento” e “valor”, constitutivas do quadro de referências da literatura institucionalizada, são, neste contexto socio-discursivo, contraproducentes por promoverem, à partida, o preconceito e a inferiorização, impedindo assim de se perceber a dinâmica produtiva do universo literário madeirense.

Em última análise, a iniciativa denominada *Cadernos de Santiago* surgiu para investir na perspetivação diacrónica da escrita poética e dos processos da produção de bens culturais na Madeira. Através não só da liberdade de que gozam os seus organizadores e participantes, mas também graças aos apoios de que beneficia, provenientes de entidades públicas, tal projeto, com a chancela de uma editora continental, constitui mais uma prova de que a Madeira tem condições para se afirmar como um polo dinâmico, aberto e descomplexado, empenhado em fortalecer a sua relação com o Mundo.

Bibliografia Citada ou Consultada

AA.VV., 1952, *Arquipélago*, poemas inéditos de [António] Aragão [Mendes] Correia, Carlos Cristóvão [de Bettencourt], Florival [Hermenigildo] de Passos, Herberto Helder, [José] Jorge [da Felicidade de] Freitas, [António Manuel] Rebelo [Pereira] de Quental, Rogério [Óscar Mota] Correia e [Manuel] Silvério Pereira, Funchal, Eco do Funchal.

AA.VV., 1952, *Areópago*, poemas inéditos de Abraão Mereia, Claro-Covão de Bento e Couto, Floricouve dos Santos, Roberto Eldorado, Jofre Maleita, Reboló Terreiro, Romeu Chorão, Valério Nespereira, Funchal, Eco do Funchal.

AA.VV., 1954, *Poemas Bestiais*, textos inéditos de Carlos Camacho, Herberto Helder e Jorge de Freitas, Funchal.

AA.VV., 1984, *Anuário de Poesia – Autores não Publicados*, com seleção de Fernando Luís, José Agostinho Baptista e José Bento, Lisboa, Assírio & Alvim.

AA.VV., 1985, *Anuário de Poesia – Autores não Publicados*, com seleção de José Agostinho Baptista, José Bento e Miguel Serras Pereira, Lisboa, Assírio & Alvim.

AA.VV., 1986, *Anuário de Poesia – Autores não Publicados*, com seleção de Fiamá Hasse Pais

- Brandão, José Agostinho Baptista e Miguel Serras Pereira, Lisboa, Assírio & Alvim.
AA.VV. (coord.), 1996, «Herberto Helder», *Margem 2*, n.º 3, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- AA.VV., 1998, *Poesia no Porto Santo / Poetry at Porto Santo / Poésie à Porto Santo: Antologia de Poetas participantes no I Encontro de Poetas na Ilha de Porto Santo*, [s.l.], Limiar.
- AA.VV., 2000, *Poesia no Porto Santo / Poetry at Porto Santo / Poésie à Porto Santo: Antologia de Poetas participantes no II Encontro de Poetas na Ilha de Porto Santo*, Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura / DRAC.
- AA.VV., 2014, *Entre o Sono e o Sonho – Antologia de Poesia Contemporânea*, Vol. V, prefácio de Oliveira Martins, seleção de Gonçalo Nuno Martins, organização de Afonso Oliveira Rodrigues, Lisboa, Chiado Editores.
- AA.VV., 2016, *Entre o Sono e o Sonho – Antologia de Poesia Contemporânea*, vol. VII, seleção de Gonçalo Martins, organização de Rita Costa, Lisboa, Chiado Editora.
- AGUIAR, Fernando & PESTANA, Silvestre (eds.), 1985, *Poemografias, Perspetivas de Poesia Visual Portuguesa*, Lisboa, Ulmeiro.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, 2001, «As Ilhas e os Mundos, Literaturas & Literaturas», in *Caminhos do Mar, Livro de Comunicações do Colóquio*, Funchal, Câmara Municipal, Departamento de Cultura, pp. 187-192.
- ALVES, Ida Ferreira, 2014, «“Escrevia à mão a cidade”: paisagens urbanas na poesia portuguesa», in PENJON, J. & DUMAS, C., *Paysages urbains du monde lusophone*, Paris, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones-CREPAL, Cahier hors-série n.º 2, Sorbonne Nouvelle, pp. 23-33.
- ARAGÃO, António (ed.), 1956, *Búzio: Caderno Literário*, Funchal, Empresa Industrial Gráfica do Porto.
- ARAGÃO, António & HELDER, Herberto (eds.), 1964, *Poesia Experimental: 1.º Caderno Antológico*, Lisboa, A. Aragão.
- ARAGÃO, António, MELO e CASTRO, E. M. de & HELDER, Herberto (eds.), 1966, *Poesia Experimental: 2.º caderno antológico*, Lisboa, A. Aragão.
- AZEVEDO, Rodrigues de (ed.), 1877, *Miscelânea Madeirense*, Funchal, s.n.
- BARREIROS, Manuel Maria & MENDONÇA, José Tolentino (org.), primavera / verão 1999, *Aqueles que Têm Os Ossos Frágeis*, n.º 2, Lisboa.
- BORDINI, Maria da Glória, 2012, «A Metáfora Pós-Moderna na Poesia Portuguesa Contemporânea», in PETROV, P., SOUSA, P. Q. de, SAMARTIM, R. L.-I e FEIJÓ, E. J. T. (eds), *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas, séc. XX*, vol. 3, Santiago de Compostela-Faro, Associação Internacional de Lusitanistas / Através Editora, pp. 11-27.

- BRANCO, Fernando Castelo, 1990, «A sociedade funchalense dos amigos das ciências e artes», in AA.VV., *Atas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 311-326.
- BRANDÃO, Fiama Hasse Pais (org.) & GONÇALVES, Egito (sel.), 1972, *Poesia 71*, Porto, Inova.
- BRITO, Casimiro de & PEDRO, Susana Tavares (org.), 2002, *Poesia no Porto Santo / Poetry at Porto Santo / Poésie à Porto Santo: Antologia de participantes no III Encontro de Poetas na ilha de Porto Santo*, «Que faremos com tanta guerra?», Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- BRITO, Casimiro de (org.), 2004, *Poesia no Porto Santo / Poetry at Porto Santo / Poésie à Porto Santo: Antologia de Poetas participantes no IV Encontro Internacional de Poesia no Porto Santo*, «Que paz depois dessas guerras?», Madeira, Secretaria Regional do Turismo.
- BRITO, Casimiro de (org.), 2006, *Poesia no Porto Santo / Poetry at Porto Santo / Poésie à Porto Santo: Antologia de Participantes no V Encontro de Poetas na Ilha de Porto Santo*, «A Poesia é um Arquipélago», Porto Santo, Região Autónoma da Madeira / Secretaria Regional do Turismo e Cultura / DRAC.
- CASTRO, Jorge Ribeiro de (org.), 2017, *Antologia: Bem, a Poesia... I*, Funchal.
- CASTRO, Jorge Ribeiro de (org.), 2018, *Bem, a Poesia... Antologia II*, Funchal.
- COELHO, Leonor M. (coord.), 2009, «Irene Lucília Andrade: uma voz na margem», *Margem* 2, n.º 26, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- COELHO, Leonor, no prelo, «O Contributo Cultural e Literário de A. J. Vieira de Freitas (1940-1982)», comunicação apresentada no Congresso Santa Cruz 500 anos, em novembro de 2015.
- COELHO, Leonor & SANTOS, Thierry Proença dos, 2015, «A literatura infantil e juvenil de ambientação madeirense: contributo para um plano regional de leitura», in VERÍSSIMO, Nelson e SANTOS, Thierry Proença dos (eds.), *Universidade da Madeira: 25 anos*, Funchal, Universidade da Madeira, pp. 229-260.
- CORREIA, João David Pinto, 1998, *Os Militares e a Literatura Madeirense – Reflexões e Notas*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura / DRAC.
- CRISTÓVÃO, Fernando, 1983, *Cruzeiro do Sul, a Norte: estudos luso-brasileiros*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- FALCÃO, Ana Margarida, 2011, «O Funchal na Poesia Insular do Séc. XV ao Séc. XX», in MONIZ, Ana Isabel et alii, *Funchal (d)Escrito: Ensaios sobre representações literárias da Cidade*, Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites, pp. 77-113.
- FOURNIER, António, 2002, «A síndrome de Bartleby», in *Tribuna da Cultura, Tribuna da Madeira*, 6 de dez., pp. 4-5.

- FOURNIER, António, 2004, «Para uma biblioteca do imaginário madeirense», in *Tribuna da Cultura, Tribuna da Madeira*, 31 de dez., pp. 4-5.
- FOURNIER, António, 2005, «De tudo ficou tão pouco», in *Tribuna da Cultura, Tribuna da Madeira*, 22 de abr., p. 3.
- FOURNIER, António, 2005, «Uma estrada em Liliput», in *Tribuna da Cultura, Tribuna da Madeira*, 30 de dez., pp. 4-5.
- FOURNIER, António, 2006, «Electrolírica», in *Tribuna da Madeira*, 29 de dez., pp. 26-27.
- FOURNIER, António (coord.), 2007, «Leais a Leal», *Margem 2*, n.º 22, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- FOURNIER, António (coord.), 2008, «Um dia com José António Gonçalves», *Margem 2*, n.º 24, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- FOURNIER, António (coord.), 2009, «José Agostinho Baptista, de A a Z», *Margem 2*, n.º 27, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- FREITAS, A. J. Vieira de (coord.), 1973, *Movimento, Cadernos de Poesia & Crítica*, Funchal, Oficinas Gráficas do *Jornal da Madeira*.
- FREITAS, A. J. Vieira de (coord. e pref.), 1977, *Da Ilha que Somos: Poemas*, Funchal, Câmara Municipal.
- GOES, José Laurindo, 1994, «Idade da poesia», in *Islenha*, n.º 14, Funchal, DRAC, pp. 72-75.
- GOMES, Alberto Figueira, 1953, «Algumas Notas sobre os Poetas das “Flores da Madeira”», in *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 15, pp. 20-24.
- GONÇALVES, José António (coord.), 1975, *Ilha*, Funchal, “Poesia 2000”.
- GONÇALVES, José António (coord.), 1979, *Ilha 2*, prefácio de Natália Correia, Funchal, Câmara Municipal.
- GONÇALVES, José António (org.), 1990, *Poet’Arte 90 – Antologia de Poesia Madeirense*, Madeira, Associação de Escritores da Madeira.
- GONÇALVES, José António (org.), 1991, *Olhares Atlânticos – Mostra de Artes e Letras da Madeira: Poesia da Ilha*, Lisboa, Biblioteca Nacional / Associação de Escritores da Madeira.
- GONÇALVES, José António (org.), 1991, *Vers’Arte 91*, Funchal, Associação de Escritores da Madeira.
- GONÇALVES, José António (coord. e pref.), 1991, *Ilha 3*, Funchal, Câmara Municipal.
- GONÇALVES, José António (coord.), 1994, *Ilha 4*, prefácio de Ernesto Rodrigues, Funchal, Câmara Municipal.
- GONÇALVES, José António, 2008, «Breve panorâmica da moderna literatura madeirense», in FRANCO, José Eduardo (coord.), *Cultura Madeirense: Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras, pp. 139-150.

- GONÇALVES, Marco (coord.), 2008, *Ilha 5*, prefácio de Ernesto Rodrigues e posfácio de João David Pinto Correia, Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites.
- GOUVEIA, Horácio Bento de, 1980, «Poesia Madeirense – estreia de *Ilha*», in *Diário de Notícias*, 27 de jan., Funchal.
- HELDER, Herberto, 1954, «Actividade Literária Madeirense», in *Voz da Madeira*, 13 de nov.; «Actividade Literária Madeirense. Um Livro de novelas», in *Voz da Madeira*, 27 de nov.; «Actividade Literária Madeirense. Um Livro de novelas [Continuação]», in *Voz da Madeira*, 4 de dez.
- MARINO, Luís (ed.), 1959, *Musa Insular: Poetas da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- MARINO, Luís, 1986, *Páginas de memória: uma lacuna nas Obras completas de Guerra Junqueiro: como o monólogo dramático O Náufrago aparece na Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- MARTINS, Manuel Frias, 1986, *Dez Anos de Poesia em Portugal 1974-1984 – Leitura de uma Década*, Lisboa, Caminho.
- MENDONÇA, José Tolentino, LUCÍLIA, Irene, FINO, Carlos e JARDIM, Teresa, 1987, «Entrevista. Viagem ao interior da «poesia madeirense», in *Jornal da Madeira*, 22 de set., pp. 5-6.
- MENDONÇA, Maria, 1980, «Evocação», in *Tela em Branco*, de Jorge de Freitas, 2.^a ed., Funchal, Ilhatur.
- MONIZ, Ana Isabel, 2011, «Búzio de António Aragão: um enfeixar de diferentes vozes», in *Margem 2*, n.º 28, pp. 30-40.
- MONTEIRO, José Leite & OLIVEIRA, Alfredo César de (eds.), 1871-1872, *Flores da Madeira, “Poesias de Diversos Autores Madeirenses”*, Funchal, Typ. da Imprensa Livre.
- MOUTINHO, José Viale (org.), 2003, *Saudades da Ilha: Evocações Poéticas da Ilha da Madeira*, com uma aguarela de José Encarnação, Porto, Edições ASA.
- PIMENTEL, Diana (org., posf. e notas), 2006, *Pontos Luminosos – Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX*, seleção de textos de Urbano Bettencourt e de Maria Aurora C. Homem, Porto, Campo das Letras.
- RODRIGUES, Ernesto, 2014, «Olhares sobre a Literatura Madeirense Contemporânea», in FRANCO, José Eduardo e TRINDADE, Cristina, *Que Saber{es} para o séc. XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, pp. 413-423.
- RODRIGUES, Paulo Miguel, 2015, «Da Madeirensidade: contributo para uma reflexão necessária», in VERÍSSIMO, Nelson e SANTOS, Thierry Proença dos (eds.), *Universidade da Madeira: 25 anos*, Funchal, Universidade da Madeira, pp. 165-190.
- SAINZ-TRUEVA, José de et alii (org.), 2016, *Cadernos de Santiago I*, Lisboa, Âncora Editora.

- SALGUEIRO, Ana, 2011, «Os imaginários culturais na construção identitária madeirense (implicações cultura/economia/relações de poder)», comunicação apresentada no II Congresso Internacional “As ilhas do Mundo e o mundo das ilhas”, in VIEIRA, Alberto (org.), *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 3, Funchal, SREC / CEHA, pp. 184-196.
- SANTOS, Thierry Proença dos, 2006-2008, «Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: a Construção de uma Identidade Cultural na Madeira», in *Dedalus*, n.º 11-12, Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 559-582.
- SANTOS, Thierry Proença dos, 2008, «Geografia literária, Madeira, séc. XX: a prosa de ficção», in VILLARINO-PARDO, Carmén, TORRES FEIJÓ, Elias J. e RODRÍGUEZ FÉRNANDEZ, José Luís (eds.), *Da Galiza a Timor – A Lusofonia em Foco*, vol. II, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela Publicacións, pp. 1579-1587.
- SANTOS, Thierry Proença dos & FOURNIER, António, 2012-2013, «Antologias, traduções e redefinição dos mapas da cultura – o caso madeirense», in *Letras Co(m)vida*, n.º 6, Lisboa, CLEPUL, pp. 102-111.
- SEIXO, Maria Alzira, 2005, «Açores e Madeira», na rubrica “um livro por mês”, in *Visão* (7 de abril), p. 43.
- STÉPHANE, I., BORGES, A. & CARITA, R., 1986, *Antologia Literária – Madeira sécs. XV e XVI*, 1.º vol., Funchal, Secretaria Regional de Educação.
- TEIXEIRA, Maria Mónica, 2005, *Tendência da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*, Funchal, Centro de Estudos da História do Atlântico / Região Autónoma da Madeira.
- TONINI, Giampaolo (ed. e trad.), 2001, *Poeti contemporanei dell’Isola di Madera*, com nota introdutória de José António Gonçalves, Venezia, Centro Internazionale della Grafica.
- VERÍSSIMO, Nelson (coord.), 2011, «António Aragão», *Margem 2*, n.º 28, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- VIEIRA, Francisco (ed.), 1884, *Álbum Madeirense, “Poesias de Diversos Autores Madeirenses”*, Funchal, Editor – M. J. Teixeira Jardim, Typ. Funchalense.

Webgrafia

- ALVES, Ida Ferreira, 2003, «Diálogos e Silêncios na Poesia Portuguesa: Décadas de 60 a 90», in *Revista Letras*, Curitiba – Paraná, n.º 59, pp. 83-92, disponível em http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/alves59.pdf, consultado a 31 de ago. de 2018.
- CASTRO, Fernanda de, 2017, «Mesa do centenário / ou grupo do centenário e V centenário da descoberta da Madeira», in *Aprender Madeira: Dicionário Enciclopédico da Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/mesa-do-centenario-ou-grupo-do-centenario-e-v-centenario-da-descoberta-da-madeira/>, consultado a 05 de nov. de 2017.
- FOURNIER, António, 2014, «La poesia en Madeira», in *ACL Revista Literaria* (digital), n.º 2, Santa Cruz de Tenerife y Las Palmas de Gran Canaria, disponível em <http://acrevistaliteraria.academiacanarialengua.org/la-poesia-en-madeira/>, consultado a 11 de nov. de 2017.
- GÓIS, Joana Catarina Silva, 2015, *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81057/2/36953.pdf>, consultado a 13 de jun. de 2018.
- MARTINS, Fernando Cabral (coord.), 2017 [1.ª ed. 2008], «MENEZES, Albino Espiridião de (18/12/1889, Santana – 1949, Funchal)», in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, disponível em <https://www.modernismo.pt/index.php/a/505-albino-de-menezes-1889-1449>, consultado a 02 de jul. de 2018.
- RODRIGUES, Ernesto, 2008, «Poesia portuguesa: uma década (1996-2006)», in *Conexão Letras* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), vol. 3, n.º 3, Porto Alegre, Nova Prova Editora, pp. 37-52, disponível em <http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap4.pdf>, consultado a 03 de jun. de 2018.
- SANTOS, Thierry Proença dos, 2018, «Maria Mendonça», in *Aprender Madeira: Dicionário Enciclopédico da Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/mendonca-maria/>, consultado a 04 de jul. 2018.

